

FEIRA LIVRE DE SÃO FELIPE-BA: EXPRESSÕES DE TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIAS À URBANIZAÇÃO

Michele Paiva Pereira
Universidade Católica do Salvador
mpaivass@yahoo.com.br

Cristina Maria Macêdo de Alencar
Universidade Católica do Salvador
cristina.alencar@ucsal.br

RESUMO

Este artigo reflexiona sobre a importância da Feira de São Felipe, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, para o desenvolvimento local e regional, apontando as expressões de transformações e resistências à urbanização. As feiras livres possuem uma dinâmica que revelam territórios que foram modificados e cujas particularidades fortalecem relações não capitalistas. O caminho metodológico utilizado foi análise de conteúdo e teve como resultado a configuração desta feira livre, locus de expressões das transformações urbanas municipais e das resiliências da identidade rural como lugar de trabalho e vida.

Palavras-chave: feiras livres; rural-urbano; território

INTRODUÇÃO

As feiras livres são espaços públicos repletos de simbologia, formas de comércio cuja dinâmica revelam territórios que foram modificados (BOECHAT, SANTOS; 2011), (SATO, 2006) e no caso de São Felipe fortalecem relações não capitalistas como compreendidas a partir de Heredia (1979) e Woortmann (1995).

Expressões de resistência a transformações na dinâmica da feira livre de São Felipe são lidas neste artigo como enfrentamento ao processo de urbanização do desenvolvimento do município, o que é aqui demonstrado a partir da caracterização da área de estudo seguida de análise de particularidades locais. Trata-se os dados de campo através da análise de conteúdo voltada à reflexão sobre a importância da Feira de São Felipe para o desenvolvimento do município. Estrutura-se esse artigo em

três momentos: o primeiro de problematização, apoiada em referencial teórico, afirmadora da relevância da questão examinada; o segundo caracterizador do local e dos procedimentos da pesquisa; no terceiro momento explicitam-se as reflexões a partir dos resultados analíticos da realidade local com suas particularidades.

O COTIDIANO DA FEIRA LIVRE NO DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL

A feira livre acolhe em seu cotidiano, dinâmicas de diferentes temporalidades próprias dos processos de desenvolvimento. Sua constituição oferece o antigo e o novo, transformações e resistências que revestem suas significações de territorialidade, proporcionando uma relação homem-natureza que dialoga entre o rural e o urbano constitutivos do município. É assim, um espaço público formado por um ambiente de comércio e de sobrevivência para grande parte dos feirantes e suas famílias, também ambiente de exercitar sociabilidades, vivenciar o lúdico, além de possibilitar expandir sua dinâmica em escala regional.

Admitindo-se um diálogo tensionado entre o rural e o urbano, convergimos com Ricotto (2002), ao afirmar que a feira livre é um componente importante para a consolidação econômica e social da agricultura familiar. Segundo o IBGE (2001), os pequenos municípios, cerca de 73% do território do Brasil, possuem feiras que compreendem uma significação ainda mais abrangente, pois são canais de comercialização de produtos da agricultura familiar. (PIERRI; VALENTE, 2010). Neste quesito, Maria Wanderley afirma que estes agricultores precisam adaptar-se aos novos contextos sociais e econômicos, ajustando-se e resistindo às mudanças.

A perda de vitalidade dos espaços rurais, que gera o que se pode chamar a “questão rural” na atualidade, emerge precisamente, quando se ampliam no meio rural os espaços socialmente vazios. Na maioria dos países considerados de capitalismo avançado, isto vem acontecendo onde a população rural, particularmente a sua parcela que é vinculada à atividade agrícola, tem a constituição ou a reprodução do seu patrimônio ameaçado e onde as condições de vida dos que vivem no campo, sejam ou não agricultores, não asseguram a “paridade” socioeconômica em relação à população urbana, ou, pelo menos a redução da distância social entre os cidadãos rurais e urbanos (WANDERLEY, 2001, p. 32).

O fundamento teórico geral é esta compreensão de desigualdade no acesso às conquistas do desenvolvimento quando se examina populações rurais e urbanas, principalmente, tendo de um lado agricultores familiares que integram as peculiaridades das sociedades rurais e de outro, a indução ao desenvolvimento como sociedade urbana.

Mesmo passados quinze anos do século XXI, a questão permanece pesquisada a partir das feiras livres. Contudo, os caminhos de acesso à publicação dessas pesquisas em artigos revelaram números bastante discrepantes, mas suficientes para afirmar a atualidade da questão de pesquisa. No portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, encontra-se 83 publicações para feira livre, dentre as quais 35 publicações foram realizadas entre 2010 e

2015. Já no Google acadêmico, através de *link* disponível no mesmo portal, há 56.500 resultados como artigos dos quais 19.400 publicações foram realizadas entre 2010 e 2015.

São Felipe contava em 2000 (IBGE) com 20.228 habitantes, sendo que 11.978 na zona rural; em 2010, essa população passa para 20.305, sendo que 10.485 estão na zona rural (IBGE, 2010), densidade demográfica de 98,75 hab/km², que apresenta taxa de urbanização de 48,36% e de ruralização de 51,64%, teve estimativa populacional de 21.582 habitantes em 2015; carrega formação histórica e socioeconômica que chega ao século XXI (SANTOS, 2013).

Possui perfil predominantemente rural, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2015) e conta com 2.264 agricultores familiares. Dados do Censo Agropecuário 2006 do IBGE registram 2653 estabelecimentos de agricultores familiares classificados conforme a Lei nº 11.326 que ocupam área de 10454 ha, e 203 estabelecimentos de agricultura não familiar que ocupam área de 6485 ha. Embora o rural não se restrinja à produção agrícola como já asseguram pesquisadores como Wanderley (1997), Alencar (2008), Carneiro (1997), Veiga (1997), Favareto (2007) entre tantos outros, a condição de agricultor e particularmente agricultor familiar presente no município, é para esta pesquisa uma categoria social que personifica as relações não capitalistas já mencionadas.

No Recôncavo baiano, São Felipe tem a sua identidade histórica enraizada na trajetória da parte sul do Recôncavo, embora a dinâmica inter-regional requeira que seu desenvolvimento considere a parte norte onde situa a Região Metropolitana de Salvador, cada vez mais demandante de recursos ambientais que a natureza local não mais oferece devido à acelerada concentração metropolitana. Alinhado à compreensão de que o rural é mais do que o agrícola e que incorpora a questão ambiental, Baiardi (2015) avalia, na perspectiva de desenvolvimento rural sustentável que, em decorrência das interações com a região metropolitana, intervenções socioambientais no Recôncavo.

[...] devem levar em conta a necessidade de manutenção e expansão da área verde com propósito de entretenimento, associada com pequenas áreas produtivas, visando o abastecimento de alimentos frescos e flores. (BAIARDI, 2015, p.76)

Como vimos fundamentando, o rural que interage com a urbanização é diverso e complexo, e ocupa lugar fundamental na feira livre, que vai da importância do abastecimento alimentar nas áreas urbanas à diversificação agrícola, passando pelas relações ecológicas. Contudo, a diretriz de desenvolvimento urbano para todos os municípios como estabelece o Estatuto das Cidades através da obrigatoriedade do PDDM, torna invisível a importância de transformações e resistências à urbanização enquanto questão a ser pesquisada de maneira a de dar voz a esses invisibilizados. A feira como locus de expressões de transformações e resistências à urbanização revela detalhes que podem subsidiar ajustes e/ou criação de políticas públicas, correspondentes à realidade destes sujeitos sociais - os feirantes e condizentes com as necessidades de um desenvolvimento sustentável.

O MUNICÍPIO SÃO FELIPE-BA E SUA FEIRA LIVRE

O município São Felipe, no Estado da Bahia está localizado entre as coordenadas geográficas 12°50'50" de latitude ao sul e 39°05'22" de longitude oeste do meridiano de Greenwich (SEI) ; limita-se com os municípios Conceição do Almeida, Santo Antônio de Jesus, São Félix, Dom Macêdo Costa, Muniz Ferreira, Cruz das Almas, Sapeaçu, Maragogipe e Nazaré.

Na atual regionalização do governo da Bahia como unidade de planejamento, Território de Identidade, São Felipe integra o TI Recôncavo¹. Com aproximadamente 206 km² (IBGE), o município está distante cerca de 178 km da capital do estado, Salvador, e em termos de situação físico-geográfica está encravado entre os vales rios Copioba e Jaguaripe (principais rios que banham o município: Copioba, Carai e das Pedras), havendo também a barragem da Copioba.

Conforme IBGE/Censo Agropecuário (2006), a economia dos são- filipenses baseia-se no setor primário, com destaque para a lavoura de mandioca, cana-de-açúcar, laranja e milho. São Felipe é constituído município por emancipação de Maragogipe, com o qual sempre manteve fortes ligações, sendo estes municípios que de 1850-1900 forneceram - rapadura, açúcar mascavo, melaço de cana, farinha de mandioca, o fumo em folha, café, amendoim, feijão, milho, azeite de dendê - necessários para adquirir carne, muares para serviço de lavoura, transporte de mercadorias e outros produtos oriundos do Sertão. (SANTOS, 2013)

A feira livre de São Felipe localiza-se no centro da cidade, entorno do Mercado Municipal, situada nas ruas Coronel Ceciliano Gusmão e Nova Brasília. As atividades da feira livre acontecem sexta-feira e sábado, no entanto, o dia de maior movimento é sábado, também dia de maior movimento na cidade quando moradores do TI além de “fazerem a feira”, aproveitam para rever parentes e fazerem uso de serviços.

Para acessar, sistematizar e discutir a feira livre são-felipense, adotou-se primeiramente, uma revisão bibliográfica em artigos disponibilizados pelo portal de periódicos CAPES durante o período de agosto a dezembro de 2015, em que o título e o resumo explicitassem a feira livre como elemento dinâmico do município, do rural e do urbano. Simultaneamente, realizou-se levantamento de dados empíricos por observação não participante durante os dias 16, 17 e 18 de outubro de 2015. O contato com a realidade pesquisada foi registrado em diário de campo: percepções e impressões para o entendimento e aquisição de dados que orientassem a segunda fase da pesquisa de campo quando foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 28 dos 85 feirantes (65 fixos) de São Felipe- BA, durante os dias 15,16 e 17 de janeiro de 2016. A seleção dos entrevistados considerou como critérios:

¹ Compõem o TI Recôncavo, os municípios Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

diversidade de sexo e idade; local de permanência na feira, de forma a contemplar todo este espaço e diversificação do produto; a saturação estabeleceu a amostra.

O tratamento dos dados foi realizado por Análise de Conteúdo - conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens; uma análise crítica que permite leitura profunda das significações explícitas e/ou ocultas (Bardin, 1977); representa um processo inferencial de compreensão do sentido da fala dos entrevistados e da busca de outras significações.

TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIAS

O perfil sócio-demográfico dos feirantes, identificado em campo, apresenta predominância do sexo masculino, estado civil de casado ou em união estável. A maioria dos feirantes é natural de São Felipe (80,9%), sendo que 52,38% residentes na zona rural e 28,57% na cidade, os demais residem na zona rural dos municípios que fazem divisa, dos quais 60% são de Maragogipe. Essa uniformidade de perfil se modifica quanto à faixa etária, com variação significativa entre 30 e 60 anos. Com relação à escolaridade, 52,38% afirmaram ter parado de estudar no ensino fundamental; 14,28% são analfabetos, a mesma quantidade de entrevistados que possuem o ensino médio completo; 19,04% se declararam alfabetizados.

Os produtos vendidos na feira são uma vitrine da variedade produzida na região: amendoim, milho, azeite de dendê, banana, inhame, laranja, mandioca, manga, graviola, jiló, maxixe, feijão verde, batata doce, hortaliças, verduras. Uva, ameixa, kiwi, maçã são fornecidas pelas CEASA de Cruz das Almas e Feira de Santana.

A feira foi contemplada no Plano Plurianual Participativo (PPA 2014 - 2017) com previsão de recursos financeiros para criação e requalificação no espaço da feira livre e do Mercado Municipal, demanda dos moradores do município em reunião no dia agosto de 2013, os quais receiam que transformações decorrentes desta demanda não contemplem o modo de vida daqueles que realizam a atividade como espaço acolhedor, simbólico e dinâmico, que a natureza capitalista do mercado e sua burocratização eliminem ou restrinjam essa realidade, o que geraria resistência.

O compadrio (Heredia, 1979) fica evidenciado nas situações de vendas de produtos de outros produtores rurais, onde os entrevistados revelaram que quando solicitado por um “compadre” disponibiliza uma área da barraca para a venda, sem obtenção de qualquer vantagem econômica. “Nas culturas camponesas não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família” (Woortmann, 1990, p.23). A sociabilidade rural (Heredia, 1979; Woortmann, 1995) é perceptível nas piadas, brincadeiras, acontecimentos (os causos acontecidos), ajuda mútua e cantorias, bem como respeito aos dias santos, ao falecimento de familiares e amigos.

O compadrio assume configurações diferentes conforme as relações estabelecidas na comunidade. Heredia (1979) e Woortmann, (1990) pesquisaram compadrios como parte da estrutura do parentesco enquanto TÖNNIES (1973 apud NASCIMENTO, 2007) distingue relações de parentesco e compadrio, ambas reproduzindo pertencimento, confiança, solidariedade, compromisso mútuo e modo de vida apreendido dos antepassados.

Em São Felipe, a relação de compadrio está associada a laços de afetividade muitas vezes não relacionado às questões do ritual de batismo. O ser compadre de alguém revela uma dimensão simbólica de segurança, pois conforme narrativa de um dos entrevistados *“um cumpade não falta com a palavra e sempre tem que ajudar o outro. Se o compadre não pode vir à feira, levo o negocinho dele e vendo para ele. E assim prevalece a nossa amizade, que é o que importa.”* (Entrevista n. 02).

A disposição das barracas no espaço da feira, segundo os feirantes, também é condicionada pela personalidade, desde as primeiras organizações; as questões de afetividade foram respeitadas e permanecem. Os pontos são fixos e caso um compadre ou parente que já seja feirante, solicite usar a barraca, enquanto o outro não pode utilizar, há uma comunicação prévia e não há nenhum tipo de desentendimento. Tal declaração permite reflexionar sobre as relações de ajuda mútua que ultrapassam as questões capitalistas e inserem o modo de vida como componente do processo produtivo.

Embora permeada por relações pessoais, a atividade de feirante é motivada para 42,8% dos entrevistados pelo complemento de renda, para 33,3% é continuidade do modo de vida em que desde pequenos trabalham neste espaço e 23,9% por não terem opção de emprego. Esses dados evidenciam a condição estrutural da feira para o desenvolvimento local a partir do segmento de menor renda de sua população. Nessa condição, a urbanização aparece na relação dos feirantes com o supermercado (antes e após a implantação). Os entrevistados disseram que as facilidades do supermercado com relação a cartões de crédito, promissórias, cheques representam uma concorrência muito forte para com eles; os consumidores acreditam que o supermercado é excelente para adquirir os produtos não encontrados na feira e também da facilidade de comprar a prazo.

A urbanização se expressa também nos meios de transportes utilizados para deslocamento das mercadorias que são: carros (65,8%), motos (23,9%), ônibus (6,4%), e animal (4%). Essas transformações, entretanto, não significam desaparecimento do rural, como alerta Abramovay (2000) ao afirmar que a ruralidade não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização, e sim a construção de outra realidade rural pela incorporação de novas estratégias.

O sentido atribuído à feira pelos feirantes entrevistados corrobora os resultados até aqui demonstrados ao relacionarem a representatividade da feira ao trabalho e à dignidade. Outros elementos também foram citados, sendo os mais representativos: lugar de dinheiro e/ou

desenvolvimento (52,38%); diversão, lazer, passatempo e ponto de encontro (28,7%); houve também os que relacionaram a feira a lugar comum ou sem representatividade, o que de outro modo a insere no mundo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos através desta pesquisa, concluímos que a feira livre de São Felipe possui traços de sociabilidade rural e sua configuração socioespacial transpassa por relações pessoais, embora os feirantes revelarem que a principal motivação seja complementar a renda. Possui potencialidade para desenvolvimento local, principalmente a partir do segmento de menor renda de sua população.

Os principais meios de transportes utilizados para condução das mercadorias e os supermercados evidenciam a utilização de novas estratégias para atender as demandas da realidade em que estão inseridos.

A Feira livre de São Felipe é um local que pode ser utilizado para a disseminação de informações, intercâmbio e apoio técnico para os agricultores familiares da região, visando progresso dos processos produtivos, organizacionais e de gestão, na medida que estejam de acordo com a identidade social dos feirantes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWAY, Ricardo. **Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. IPEA, 2000.
- In: ALENCAR, C. M. M. de e SCHWEIZER, P. J.(org) **Transformações territoriais: de rural ao metropolitano**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.
- ANDRADE, M. C. de. **Geografia econômica**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ANGULO, J. L. G. **Feira e desenvolvimento local: o caso de Turmalina, vale do Jequitinhonha, MG**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2002.
- BAIARDI, Amílcar. Ecossistema Recôncavo: possibilidades de desenvolvimento agrícola sustentável e sugestões de linhas de pesquisa. **Potencial de agricultura sustentável na Bahia: possibilidades e sugestões de linha de pesquisa**. Academia Baiana de Ciências, 2015. No prelo
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOECHAT, P.T. V, SANTOS, J .L. **Feira Livre: Dinâmicas Espaciais e relações identitárias**. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf> Acesso em 02/09/2015.
- CARNEIRO, M. J. **Ruralidade: novas identidades em construção**. In: Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Natal, RN, 1997. P (147-185)

- FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004/2012.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste; v. 7)
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02/09/2015
- PIERRI, M.C.Q.M, VALENTE, A.L.E.F **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar**, 2010. Disponível <http://www.sober.org.br/palestra/15/234.pdf> Acesso em 01/10/2015
- RIBEIRO, E. M. et al. As dimensões das feiras livres. In: RIBEIRO, E. M. (Org.). **Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.
- RICOTTO, A. J. **Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: O caso das feiras livres de Misiones, Argentina**. RS, 2002. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- SANTOS, F.S. **Crise Agrícola no Recôncavo baiano (1890-1910)**: Município de São Felipe/BA, BA. 2013. Dissertação (Mestrado)- Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2013.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. **A natureza do espaço**. 4º ed. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SATO, Leny. **“Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade”**. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2006
- VEIGA, J.E. da. **Perspectivas nacionais de desenvolvimento rural**. In: Agricultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade no Cerrado Brasileiro. Uberlândia, Shiki et al orgs. 1997.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade: relações entre a cidade pequena e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios de Pernambuco**. Recife, 2001. Disponível em < <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed00f.html> > Acesso em 01/08/2015.
- _____. **A ruralidade no Brasil moderno**. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4 Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf> Acesso em 15/01/2016

- _____. O “Lugar” dos Rurais: O meio rural no Brasil Moderno. In: Resumo dos Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. NATAL, RN. Agosto de 1997. p (90-113)
- WOORTMANN, Ellen F. **Com parente não se negueia: O campesinato como ordem moral.** In: Anuário Antropológico/87, pp. 11-73. Brasília/Rio de Janeiro, 1990
- _____. **Herdeiros, Parentes e Compadres.** São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.